Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Resistência: incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 600\$; Província, 3 meses 250\$; África Portuguesa, 6 meses 700\$; Estrangeiro, 6 meses 1100\$.

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALHA, 114 e 116
Este jornal não se publica de segunda-feira.
—Não se devolvem os originais.—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores

TERÇA-FEIRA, 16 DE JUNHO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 33 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2006

Um atentado

Foram anteontem vítimas de um atentado à bomba dois guardas policiais que faziam serviço na rua Maria Pia, à Meia Laranja. Como ontem *A Batalha* se não publicou só hoje podemos referir-nos a este facto, que desde já declaramos reprovamos de inteiramente.

De há muito que nós vimos condenando este processo de luta, por entendermos que não a acção colectiva das massas agindo revolucionariamente poderá ter uma verdadeira utilidade. No caso de que se trata, se o que inspirou esse gesto foi o facto de se atribuir à polícia a responsabilidade de alguns factos graves que nós mesmos verberamos e continuamos a verberar, não achamos que eles possam ser justificáveis e que devam ser atribuídos a um acto de violência que não foi por nós curvados perante as arremetidas do sr. Godinho. Tomámos essa atitude por ser a única em que podíamos—assim o supunhamos—relatar os crimes que têm sido praticados, sem cairmos na subserviência e sem incorrer nas iras do mínimo, do mais insignificante dos Vitorinos.

A apreensão de *A Batalha* de domingo vem demonstrar que está estabelecido o pacto de não deixar falar *A Batalha* que ela exprime a sua opinião, quer exponha a dos outros. Domingo transacto calámos o nosso protesto, reafirmamos a nossa indignação, limitando-nos a reproduzir um protesto e uma indignação que eram do *Mundo*. A apreensão veio demonstrar-nos que nos é vedado reproduzir com a maior fidelidade o que *O Mundo* disse.

Anda se este jornal fosse monárquico ou subversivo... Mas nem por brincadeira, nem maneando os mais habéis sofismas se pode acimar de monárquico ou de subversivo um jornal que apoia um governo—o governo de que o sr. Godinho faz parte. Ainda o querem mais vitorino—a este Vitorino!

A violência que atingiu *A Batalha* teriu também ontem o nosso suplemento literário, cuja circulação foi inexplicavelmente impedida.

Hoje, vamos, na impossibilidade de falarmos por conta própria, reproduzir o que disse *O Mundo* começando por transcrever os seus reparos contra a sistemática apreensão do nosso jornal:

«Ao contrário do que estava sucedendo *A Batalha* pôde ontem circular livremente. E' bem verdade que o número de ontem se limitava a transcrever a nossa *en-lête* e outros trechos de prosa do *no* e de outros jornais que se têm referido aos casos graves a que *A Batalha* não tem podido, com prosa sua, fazer comentários. Ora o que é necessário é que agora, que passou o período anormal que justificava certas medidas do governo, se restabeleça o regime de liberdade e único em que deve viver a imprensa. Ainda se houvesse um critério inteligente e justo a dirigir as apreensões, poderíamos transgredir, visto que se procede ao abrigo de uma lei, embora antiga e a pedir reforma. Mas deixar inteiramente a vontade os jornais das forças vivas e perseguir os que as atacam, não se compreende.»

No próprio dia em que o *Mundo* assim se exprime—domingo transacto—*A Batalha* era impedida de circular!

Transcrevemos do número de ontem do mesmo jornal estas palavras:

«*A Batalha* consagrava ontem o seu artigo de fundo à atitude que *O Mundo* desassombradamente definiu perante as agressões praticadas pela polícia e de que têm sido vítimas alguns operários. Limitando os factos que deram ensejo a que *A Batalha* preste justiça à nossa sinceridade, que por várias vezes tem sido posta em dúvida, e até contestada com acrimónia, agradecemos as referências que nesta conjuntura não quiz deixar de fazer-nos o órgão da organização operária.

A causa que *A Batalha* procura servir não é, evidentemente, a nossa, embora a aplicação dos nossos princípios e das nossas ideias seja condição especial à defesa das aspirações mais avançadas. Mas nenhuma causa, que no espírito da liberdade se integre, nos causa horror ou inspira an-

“A Batalha” fala com a linguagem alheia

porque uma mordaza “soi-disant” republicana lhe abafa a sua voz intemerata!

A Batalha não faz propaganda monárquica, sendo por isso incapaz de aplaudir os actos do fingido republicano, do vesgo reaccionário que é o ministro do interior. A atitude do sr. Vitorino Godinho é a de um homem que seguindo à risca, excedendo-a mesmo, a fórmula monárquica quanto pior, melhor vai praticando uma série infinita de violências para com a imprensa. João Franco, o mais liberticida dos ministros do depondo regime, que mandou prender e suspender bastantes jornais, era mais correcto, menos abusado do que este Godinho que é atrevido e grosseiríssimo pois o seu grande ódio à imprensa—que o incompatibilizou com todos os jornalistas—é servido pela mais estúpida ignorância e a mais inconcebível estupidez.

Até aqui *A Batalha* era apreendida por comentar o espantamento e o assassinato depondo com linguagem sua, palavras suas. Anteontem, servindo-nos, para não sermos impedidos de circular, da linguagem dos outros viemos a sofrer igual e inqualificável violência. Se trocámos a nossa linguagem pela dos outros, não foi por nos curvamos perante as arremetidas do sr. Godinho. Tomámos essa atitude por ser a única em que podíamos—assim o supunhamos—relatar os crimes que têm sido praticados, sem cairmos na subserviência e sem incorrer nas iras do mínimo, do mais insignificante dos Vitorinos.

A apreensão de *A Batalha* de domingo vem demonstrar que está estabelecido o pacto de não deixar falar *A Batalha* que ela exprime a sua opinião, quer exponha a dos outros. Domingo transacto calámos o nosso protesto, reafirmamos a nossa indignação, limitando-nos a reproduzir um protesto e uma indignação que eram do *Mundo*. A apreensão veio demonstrar-nos que nos é vedado reproduzir com a maior fidelidade o que *O Mundo* disse.

Anda se este jornal fosse monárquico ou subversivo... Mas nem por brincadeira, nem maneando os mais habéis sofismas se pode acimar de monárquico ou de subversivo um jornal que apoia um governo—o governo de que o sr. Godinho faz parte. Ainda o querem mais vitorino—a este Vitorino!

A violência que atingiu *A Batalha* teriu também ontem o nosso suplemento literário, cuja circulação foi inexplicavelmente impedida.

Hoje, vamos, na impossibilidade de falarmos por conta própria, reproduzir o que disse *O Mundo* começando por transcrever os seus reparos contra a sistemática apreensão do nosso jornal:

«Ao contrário do que estava sucedendo *A Batalha* pôde ontem circular livremente. E' bem verdade que o número de ontem se limitava a transcrever a nossa *en-lête* e outros trechos de prosa do *no* e de outros jornais que se têm referido aos casos graves a que *A Batalha* não tem podido, com prosa sua, fazer comentários. Ora o que é necessário é que agora, que passou o período anormal que justificava certas medidas do governo, se restabeleça o regime de liberdade e único em que deve viver a imprensa. Ainda se houvesse um critério inteligente e justo a dirigir as apreensões, poderíamos transgredir, visto que se procede ao abrigo de uma lei, embora antiga e a pedir reforma. Mas deixar inteiramente a vontade os jornais das forças vivas e perseguir os que as atacam, não se compreende.»

No próprio dia em que o *Mundo* assim se exprime—domingo transacto—*A Batalha* era impedida de circular!

Transcrevemos do número de ontem do mesmo jornal estas palavras:

«*A Batalha* consagrava ontem o seu artigo de fundo à atitude que *O Mundo* desassombradamente definiu perante as agressões praticadas pela polícia e de que têm sido vítimas alguns operários. Limitando os factos que deram ensejo a que *A Batalha* preste justiça à nossa sinceridade, que por várias vezes tem sido posta em dúvida, e até contestada com acrimónia, agradecemos as referências que nesta conjuntura não quiz deixar de fazer-nos o órgão da organização operária.

A causa que *A Batalha* procura servir não é, evidentemente, a nossa, embora a aplicação dos nossos princípios e das nossas ideias seja condição especial à defesa das aspirações mais avançadas. Mas nenhuma causa, que no espírito da liberdade se integre, nos causa horror ou inspira an-

A REVOLTA NA CHINA

A Inglaterra e o Japão pretendem fazer pressão sobre o governo chinês

PEQUIM, 15.—A nota britânica relativa aos acontecimentos de Hankoo, entregue ontem à noite no ministério dos Negócios Estrangeiros, assinala que o governo chinês foi advertido da responsabilidade em que incorria permitindo a agitação anti-britânica, o que os acontecimentos de Hankoo claramente põem em evidência.

A nota pede ao governo chinês que tome energias medidas e torne conhecida toda a realidade dos factos.

O ministro do Japão entregou também uma nota pedindo ao governo chinês a adopção de todas as disposições necessárias para evitar a repetição de semelhantes incidentes. (L.)

LONDRES, 15.—O sr. Baldwin declarou hoje na Câmara dos Comuns, em resposta a uma interpelação do sr. Macdonald, que os recentes acontecimentos da China são em parte devidos à falta dum governo de efectiva autoridade e difíceis de resolver pelo mesmo motivo.

Espera, contudo, que o inquérito que está sendo levado a efeito em Xangai por uma comissão diplomática a que se associaram

dois oficiais superiores pelo governo de Pequim, se realize em perfeita harmonia e consiga estudar a forma de resolver o problema.

O primeiro ministro afirmou ainda que todas as potências esperam que a próxima reforma das tarifas internas contribua para a consolidação do governo chinês e seja o início duma nova era paz na China. (L.)

A agitação contra os estrangeiros não cessa

XANGAI, 14.—O general Fong-Yuh-Siang declarou a um redactor dum jornal chinês que na eventualidade duma luta contra a Inglaterra seria o primeiro a entrar em campanha, pois aquela possui uma grande esquadra mas um pequeno exercito.

A imprensa chinesa e os estudantes continuam a exercer pressão sobre o governo chinês para agir exclusivamente contra a Grã-Bretanha. (L.)

O aniversário da travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro

Amanhã, pelas 14 horas, realiza-se na Aeronáutica Naval, uma festa comemorativa do terceiro aniversário da travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro, sendo convidados os oficiais da armada e suas famílias a comparecerem na referida festa.

Notas & Comentários =

Profissionais de imprensa

No Francfort Hotel realizou-se anteontem um almoço de homenagem à actual Direcção do Sindicato dos Profissionais de Imprensa, composta por Julião Quintinha, Jaime Brasil, Artur Portela, Martins dos Santos e Pinto Monteiro. Assistiram cerca de 70 convivas. Usaram da palavra D. José Paulo da Câmara, dr. José Pontes, Mário Domingues, Acúrcio Pereira, Júlio de Almeida, Artur Portela e Santos Jorge. Agradeceu por fim Julião Quintinha, em nome da Direcção homenageada, produzindo um discurso admirável de ensinamentos, de sobriedade e de brilho literário.

Quasi todos os oradores, a pesar do antagonismo dos seus critérios políticos ou sociais, foram unânimes em defender com entusiasmo a obra de dignificação profissional da classe dos trabalhadores de imprensa que vem sendo realizada, merecendo esforços de todos e, em especial, dos componentes da actual direcção.

A velha história

O Século e o Diário de Notícias publicaram ontem, com grande barulho de títulos, aquela série desconexa de patacoadas que A Tarde inseriu há dias. Desta vez não foi envolvida a C. G. T. na história, porque sabiam os autores do romance que não teriam facilidade em vir caluniar uma organização operária cujos objectivos bem definidos, não são susceptíveis de confundir-se com os actos de banditismo atribuídos à «Legião Vermelha». Entretanto, afirmando que havia um «comité» de padeiros constituído para a prática crimes condenáveis, foram dizendo que a Associação dos Manipuladores de Pão dava dinheiro à C. G. T. Ora não é decente fazerem-se confusões dessa natureza para lançar no espírito do público suspeitas que não têm razão de existir. A C. G. T. não recebe dinheiro de «comités». Orgão de natureza federativa, limita-se a cobrar dos Sindicatos aderentes a respectiva cota de adesão. O que a Associação dos Manipuladores lhe entregava e entrega é apenas essa cota de adesão, e o dinheiro que a C. G. T. recebe, nas mesmas condições, dos vários organismos aderentes tem um destino claro, que não pode servir de base para especulações policiais. Serve essa cota para manter todos os seus serviços de administração, de propaganda, de imprensa e de subsidio aos presos comprovadamente operários sindicados e de questões sociais; não serve, porém, nem o operariado o consentir, para subsidiar criaturas de porte duvidoso, cujas acções longe de dignificarem a classe trabalhadora antes a enxovariam.

Avanço das Ciências

Está-se realizando na velha e formosa cidade de Coimbra o Congresso para o avanço das ciências. Fazem parte da importante assembleia criaturas cultas, alguns sábios das duas nações vizinhas, Portugal e Espanha, cujo trabalho em conjunto pelos resultados trará para o avanço das ciências e, portanto, da humanidade. E mais brilhante e útil seria essa interessante reunião de sábios se a verbosidade de representantes oficiais e diplomáticos dos governos, que pelo progresso das ciências tem apenas o aparente interesse que a sua ignorância lhes permite, não obscurecesse um pouco o seu intenso brilho.

Um cheque falso

Um caso grave está ameaçando seriamente a vida do actual governo. E' mais um ruído escândalo da política quando sabemos como o sr. Vitorino Godinho, herói da façanha, explicou. O que por enquanto se sabe é que apareceu na agência de Paris do Banco Nacional Ultramarino um cheque de 240 mil francos com assinatura do sr. Vitorino Godinho, cheque esse que ali foi descontado. O signatário do valioso documento alega que a assinatura é falsa, mas o caso vai ser levantado no parlamento e parece estar feio. Aguardamos o debate do assunto para melhor formarmos a nossa opinião—não vá a gente, sem querer, cair em qualquer arbilho que apenas paixão política tivesse armado ao mais pequeno de todos os Vitorinos que nos têm governado...

A actualidade no estrangeiro

NA ITALIA

As violências dos fascistas

Escreveu recentemente um jornalista mercenário a soldo da burguesia, para o qual a servidão e o sofrimento de milhares de seres humanos é fonte de prazer, que «a vida na Itália se desenrola na calma mais perfeita, a imprensa não relatando nenhuma acção abominável ou acontecimento impressionantes».

Contudo abomináveis acções continuam ali a perpetrar-se. Não há muito tempo um bando de «camisas negras» assassinou dois operários que jogavam num café, mas a imprensa pouca importância ligou ao caso, porque já está acostumada à prática constante de semelhantes crimes.

No entanto, apesar de toda a calma, que dizem existir na Itália, aqueles que com as musculadas esperam poder fugir às responsabilidades que pelos seus crimes amañhã lhes pedirão as classes produtoras, o facto é que o governo do aventureiro duce não se sente muito seguro, tomando tais medidas, que se não fosse pelo trágico da situação até pareciam ridiculas.

Assim por ocasião do Primeiro de Maio, o governo tremendo pela sua sorte, recorreu a uma tal parada de forças, que parecia já estar na rua a revolução, que fatalmente o há de subverter.

Camións transbordantes de carabineiros ou de fascistas passavam pelas ruas apreendendo os mais insignificantes prospectos ou brochuras, e querendo forçar todos os operários a irem trabalhar. Queriam os fascistas no Primeiro de Maio as oficinas trabalhassem aindaco m mais «nimação do

SERÁ POSSÍVEL?

Por iniciativa da Secção Editorial de “A Batalha” a vanguarda social passará a contar, dentro em breve, com mais um órgão na imprensa

Lisboa, 8 de Junho de 1925.—Sr. director do Suplemento de *A Batalha*.—Ao terminar a leitura do número de hoje do «Suplemento» senti um grande, enorme pesar: o não se ser possível custear a impressão e distribuição de tantos exemplares quanto fossem necessários para que entrasse em cada lar de Portugal.—Eliú Augusto de Oliveira, leitor habitual de *A Batalha*.

Palavras de satisfação e de incitamento como os desta carta, sacada do maço de muitas que possuímos, são-nos constantemente dirigidas, e elas suficientemente explicam a tiragem de 6.000 exemplares que o Suplemento literário de *A Batalha* tem mantido desde o seu 1.º número, o que lhe assegura uma existência própria, independente. No entanto, às nossas ambições o Suplemento não satisfaz plenamente. Uma deficiência o impede de ser aquela revista gráfica que tem o seu lugar marcado no campo das nossas ideias. A carta que a seguir publicamos põe em evidência essa deficiência:

Sr. director do Suplemento de *A BATALHA*.—Folheando a preciosa colecção do 1.º ano desse interessante semanário que acabo de obter encalçada, constato que nunca em Portugal—e em outra língua não conheço nada que se lhe compare ou se assemelhe—se conseguiu manter uma publicação tão bela, quer pela colaboração literária quer pela apresentação artística. No seu género é única entre o resto do mundo de magazine e revista literária e de arte. Dignifica não só a organização operária que o edita, como as ideias tão brilhantemente expostas pelo núcleo muito valioso dos seus colaboradores. E', porém, de lastimar, sr. director, que as dezenas e dezenas de gravuras reproduzindo quadros e obras de arte desconhecidos pelo nosso povo e de incontestável beleza, não tenham aquela nitidez que merecem. Porque não imprime o suplemento literário em melhor papel? Certamente que isso acarretaria um aumento de preço para o público, mas creio que todos os seus leitores aceitariam esse aumento pelo duplicado valor que passaria a ter todo o seu trabalho. Com as minhas felicitações, de v., etc.—Carlos Filipe Martins.

que nos outros dias, esquecendo-se o traidor Mussolini do que ainda há poucos anos fazia em tal dia.

Mas as oficinas não trabalharam, a pesar das afirmações dos comunicados patronais ou fascistas. Os trabalhadores deixaram as máquinas paradas, e se não puderam consagrar este dia com as usuais manifestações públicas, consagraram-no a maldizer os bandidos que impõem a profanação desta data que será, no futuro, o dia dos trabalhadores honestos.

NA BELGICA

A crise política

Max, o leader do partido liberal, também não conseguiu organizar ministério. Há dezenas de aventureiros na Bélgica, que estão ansiando por ser ministros, e é por causa disto que não se chegam a entender, visto que o ministério não chega para todos. Vandervelde, o conhecido social democrata, que para ser ministro recusaria o proprio Marx, propôs agora para resolver a crise, que o ministério fosse constituído pelos católicos, liberais e socialistas, está claro, tudo com o fito de também apanhar uma pasta.

E' com este Vandervelde e outros da sua laia, que a Central dos Sindicatos Russos se mostra agora tão desejosa de reatar relações em nome da «unidade sindical».

E' infelizmente ainda há quem os tome a sério e neles vá votar!

NA HOLANDA

Propaganda anti-militarista

Durante os últimos 25 anos na Holanda muitas centenas de camaradas anti-militaristas recusaram o serviço militar.

Foram sobretudo anarquistas, que protestaram e lutaram contra o militarismo desta maneira e que recusaram o seu concurso ao Estado.

Em 1924 organizou-se um movimento para apoiar a luta dos refractários.

Num manifesto, assinado por centenas de pessoas, fez-se a declaração de não cumprir o serviço militar e de se não fazer qualquer trabalho para o militarismo.

Em 18 e 19 de Abril último, realizou-se um Congresso em Utrecht, onde estiveram 800 pessoas para fazerem propaganda contra o serviço militar.

Pessoas de diferentes opiniões políticas, anarquistas, cristãos, católicos-romanos, socialistas e um antigo capitão do exercito manifestaram-se pela recusa ao serviço militar.

E' interessante notar como esta tática puramente anarquista, penetra e é aceite pelo seu humanitarismo em todos os meios populares.

Contudo o que é preciso impedir é que este movimento perca o seu carácter revolucionário e libertário.

Naufrágio na costa portuguesa

do vapor «Lilyda», que abalrou com o «Cabo Menor» — Morte do capitão daquele

Na madrugada de ante-ontem, abalrou a seis milhas do Cabo Raso, devido à enorme cerração, os vapores «Cabo Menor», espanhol, e «Lilyda», italiano.

O «Lilyda» afundou-se e o «Cabo Menor» ficou com a proa destruída.

Este último entrou ontem de manhã no Tejo, trazendo a bordo a tripulação do «Lilyda», composta de 8 oficiais e 23 tripulantes, não tendo sido salvo o capitão Afonso Moredo por o barco se afundar repentinamente, quando ele se preparava para o abandonar, depois de ter dirigido o salvamento da tripulação.

Os naufragos apresentaram-se no consulado italiano que lhes forneceu vestuário, pois nada conseguiram trazer, devendo voltar hoje ou amanhã para Itália.

O «Cabo Menor» ficou amarrado a uma boia em frente do Cais do Sodré.

Há muito tempo, há muitíssimo tempo mesmo, na verdade, de até nos chegarem idênticas expressões de pesar por as esplêndidas ilustrações que esmaltam os números do nosso semanário não terem o relevo e a nitidez que merecem—facto tão verdadeiro que, muitas vezes, somos positivamente parcimoniosos na publicação de ilustrações por reconhecemos que a sua reprodução não compensa o custo exorbitante das gravuras.

Daquei o já há algum tempo nos andar bailando no cérebro a ideia de ir ao encontro dessas aspirações dos leitores do Suplemento dando ao nosso semanário as condições que realçassem a sua colaboração artística, o que se conseguiria, com efeito, imprimindo-o em papel de melhor qualidade e em maquina de branco ou plana, em vez de em rotativa como é actualmente impresso. Mas isso, a fazer-se, importaria, evidentemente, numa despesa que o seu preço de 50 centavos não comportaria. Ter-se-ia, pois, de aumentar o seu custo para o público, o que possivelmente veria prejudicar o Suplemento e a sua propaganda pelo afastamento de muitos dos seus leitores, talvez a maioria, e precisamente aqueles a quem mais precisa é a sua leitura.

Posta de parte a ideia de melhorar materialmente o Suplemento pelas razões expostas, o lançamento de uma nova publicação surgiu como a solução mais acertada do problema. E voltados nesse sentido a nossa atenção e o nosso estudo, podemos dar hoje aos nossos leitores a grata notícia de que com um novo órgão na imprensa a vanguarda social passará a contar dentro de poucos dias, dela tomando a iniciativa a Secção Editorial de *A Batalha*.

Amanhã forneceremos mais esclarecimentos acerca da nova publicação social, cuja notícia de aparecimento certamente despertará alvorçada alegria aos que desejam que às nossas ideias seja dada a maior expansão.

Novas deportações

Fala-se na inclusão, entre os deportados, de alguns republicanos

Alguns jornais fizeram-se eco de que está sendo organizada uma nova lista de deportações. Dessa lista fazem parte operários—sômente não se precisa se são muitos, se são poucos—sobre os quais se irá cevar o ódio da policia e de certas autoridades e entidades oficiais às classes trabalhadoras.

Dessa lista fazem também parte alguns republicanos e revolucionários civis. Se assim é, esperamos que desta vez os republicanos acordem e protestem contra essa estranha e odiosa violência. Pelo que vemos—excepção feita ao jornal o *Mundo*—os republicanos só sentem a injustiça quando o raio lhes cae em casa.

Infelizmente existe esse critério neste malfadado país. Os republicanos têm pecado—e pecado deploravelmente. Querem os princípios aplicáveis sômente para si. Falam em nome dos princípios, pensando exclusivamente nos seus interesses, sem reparar que, com essa atitude de estreito egoísmo, os atraíam irremediavelmente.

Então, pode, porventura, admitir-se que a República só tenha sido proclamada para o partido democrático? Pois só existirá a lei, o respeito pela liberdade, o respeito pela vida humana só para quem é filiado em qualquer centro Afonso Costa? Não serão esses obsecados que só em aparência são republicanos, mostrando-se como se mostrem partidários do reaccionaríssimo «ci ou mortes» que pode traduzir-se: ou és democrático, banqueiro ou serás—preso, espancado, perseguido, espelhado e deportado para a Guiné.

Esquecer de-se-ão esses democráticos que foi o facto de desejarem para si o paraizo da impunidade e para os outros o inferno das cadeias e dos espancamentos que conduziu ao deambularem por este país? Para admirar que eles tenham perdido a memória a ponto de se não recordarem das perseguições feitas no sidonismo, perseguições semelhantes a estas, porque também houve prisões a esmo, espancamentos, assassinatos e deportações.

Se os democráticos se não tivessem esquecido do que a República devia ser para todos—dando a todos as garantias de liberdade e de respeito individual que são conquistas mundiais da consciência humana—o sidonismo não tinha acontecido.

Veremos agora que, segundo alguns jornais disseram republicanos e revolucionários civis estão ameaçados de ir para a Guiné se eles se lembrarem do que devem fazer, pondo de parte o miguelismo asqueroso das suas ultra-reaccionárias e vergonhosíssimas atitudes.

Uma quadrupla aliança entre sindicatos britânicos

Effectuou-se em Londres, uma conferência com o fim de realizar a fusão dos quatro mais poderosos sindicatos operários da Grã-Bretanha: os dos ferroviários, mineiros, metalúrgicos e operários dos transportes.

Cook, secretário geral da União mineira declarou que a quadrupla aliança em formação deve ser uma organização militante.

John Hill, secretário da União dos metalúrgicos, fez saber que a conferência estabelecerá um plano de acção que a conferência um plano de acção comum, mas que todas as propostas seriam submetidas à aprovação dos comités executivos dos sindicatos interessados.

Se esta fusão dos mais poderosos sindicatos interessados.

Se esta fusão dos mais poderosos sindicatos, chega a ser realizada, os dirigentes dos Trades Unions Cook (mineiros), Tho-